
DOSSIÊ: _

**UM PANORAMA SOBRE AS
DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO,
MASCULINIDADE E PODER.**

APRESENTAÇÃO

Quando as feministas, gays e negros, nas décadas de 1960 e 1970 foram às ruas para questionar o poder masculino heterossexual e branco, as reivindicações fizeram surgir novas reflexões sobre identidades sexuais, étnicas e sobre as relações de poder. Esses grupos foram responsáveis por mudanças epistemológicas que fizeram com que não reconhecer a variável gênero na análise social fosse tão grave quanto menosprezar a classe social (Almeida, 1995). Fizeram também com que, pela primeira vez no Ocidente, os homens se descobrissem possuidores de um gênero socialmente construído, como já era sabido desde pelo menos o século XIX sobre as mulheres (Giddens, 1994).

Em 1974, as antropólogas Michelle Z. Rosaldo e Louise Lamphere lançaram o livro *Woman, Culture, and Society*. Esse livro trazia uma coletânea de artigos que causou grande impacto na época, sacudindo algumas certezas, como a do patriarcado original em que a inferiorização das mulheres era quase universal – pelo menos o era nas sociedades que foram estudadas por antropólogos e antropólogas. Apesar de não ter sido unanimidade no meio acadêmico e mesmo entre as feministas não acadêmicas, esses trabalhos ajudaram a trazer novos elementos sobre gênero, sexo e poder. Embora já houvesse algumas produções sobre gênero masculino produzido pela Psicologia, as discussões sobre o gênero masculino ganham *status* de campo teórico nos EUA, Inglaterra e Austrália apenas nos anos 1980 (Arihla, 1998). No Brasil, os primeiros

trabalhos sobre a masculinidade foram publicados nos anos 1990. Atualmente, há um número crescente de trabalhos que tratam do tema no Brasil. Nos últimos dez anos as interações entre homens despertaram interesses.

No Brasil, um dos primeiros autores a discutir a masculinidade foi Sócrates Nolasco. Talvez não tenha sido o pioneiro em problematizar a masculinidade, mas o seu livro *O mito da masculinidade*, publicado em 1993, dois anos antes de *Masculinities*, de Raewyn Connell, além de ter sido, à época, um dos poucos a ser escrito em português, teve boa recepção e o grande mérito de trazer para discussão a construção social da masculinidade, como a masculinidade é conquistada vencendo-se pequenas batalhas cotidianas com honra e louvor (Nolasco, 2001: 97), e como essa mesma construção é problemática para as mulheres e também para os homens.. No seu livro seguinte, *De Tarzan a Homer Simpson*, de 2001, ele aprofunda mais estas discussões.

No Brasil, a Antropologia “descobriu” que os homens têm o gênero socialmente construído há pouco tempo. Um dos livros mais influente no Brasil sobre esta discussão foi, sem dúvida, *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*, do antropólogo português Miguel Vale de Almeida (Almeida, 1995), e o fato de ter sido escrito em português facilitou sua divulgação no Brasil. Este livro é uma riquíssima etnografia sobre a construção social da masculinidade em uma cidade do interior de Portugal; traz questões instigantes sobre como esta construção acontece e as suas implicações nas interações entre homens de classe popular.

No início do 2000 começaram a surgir publicações produzidas por antropólogos e antropólogas como, por exemplo, *A Confraria da Esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando. Etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca* (Souza, 2003) e *Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro* (Cecchetto, 2004), embora ambos tenham caminhos teóricos distintos, trazem as discussões sobre gênero, masculinidade e poder para o campo da Antropologia. (destaca-se que os homens não foram negligenciados pela Antropologia, posto que sempre foram os informantes privilegiados para as pesquisas antropológicas). Podemos dizer também que as pesquisas sobre classes trabalhadoras poderiam se encaixar no que hoje chamamos de Estudos da masculinidade, pois tem como foco os homens em espaço de sociabilidade masculina par excellence, o local de trabalho, entretanto, o que diferencia esses trabalhos daqueles dos estudos é o fato de que os homens são tratados como portadores de um gênero socialmente construído.

Hoje a produção sobre gênero e masculinidade na Antropologia é extensa, tanto que seria impossível elencar aqui toda essa produção. Nos bancos

de teses e dissertações das pós-graduações e nas livrarias temos uma variedade de temáticas e discussões que demonstram o quanto esse tema despertou interesse entre antropólogos e antropólogas. Essas discussões, que dialogam com os mais diversos campos, trouxeram à tona o quanto a construção da masculinidade é relevante para outras discussões sobre o poder, assim como as relações entre *raça/etnia* e as interações entre os homens e suas implicações no cotidiano nos espaços públicos, como praças, campos de peladas, shoppings etc. As interações entre homens de orientações distintas também foram muito pesquisadas, mostrando aí que as dinâmicas do poder têm que ser entendidas no contexto em que elas são desempenhadas. Nos últimos anos, uma nova proposta vem crescendo nas discussões sobre masculinidade, *performance* e poder. Essas novas discussões têm como principal interlocutora Judith Halberstam (1998), a qual propõe que a masculinidade é uma *performance* e que qualquer um pode desempenhá-la, inclusive as mulheres. Essa masculinidade desempenhada pelas mulheres é o que ela chamada de *masculinidade sem homem*, mas nem por isso, menos máscula ou mesmo viril; no Brasil a antropóloga Andrea Lacombe (2010) chama de *masculinidade sem pau*.

Os artigos neste número da *Antropolítica* vão contribuir para os debates sobre masculinidades e poder. Cada um deles foi produzido por antropólogos e antropólogas de três países diferentes (Brasil, Argentina e EUA), com larga experiência em seus campos. Os artigos produzidos tratam de masculinidade e *raça/etnia*. Embora sejam questões distintas, ambos os artigos problematizam a masculinidade e as relações raciais. No seu artigo, Osmundo Pinho, professor da UFRB, discute resultados da pesquisa “Brincar, Jogar Bola, Mulher - A Desigualdade Racial no Brasil e a Etnografia das Masculinidades no Recôncavo da Bahia, realizada nas cidades irmãs de Cachoeira e São Félix, na Bahia, onde atenta aos significados socialmente produzidos as expectativas sobre a educação para pais e filhos negros. O outro artigo produzido pelo antropólogo brasileiro Rolf Malungo de Souza, é “Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente”; neste artigo, o autor discute as representações criadas sobre a masculinidade africana no Ocidente e como estas representações tiveram e tem implicações nas interações entre homens negros e brancos, além das implicações dramáticas dessas interações.

O artigo da antropóloga argentina, Andrea Lacombe traz as discussões sobre a masculinidade sem homens em solo tupiniquim. Lacombe tem longa experiência de campo desenvolvida no Brasil sobre mulheres masculinas. No seu artigo, ela analisa os modos particulares em que expressão

de gênero e idade/geração se entrelaçam para conformar as sociabilidades dos grupos que se constituem em três espaços de divertimento noturno no Rio de Janeiro, onde vemos a heterogeneidade etária e de estéticas e as masculinidades que ali emergem. Por fim, mas não menos importante, temos o artigo do antropólogo norte-americano Matthew Gutmann. No seu artigo, ele discute uma categoria polissêmica que é utilizada largamente nas discussões sobre gênero, dentro e fora do espaço acadêmico, o machismo. Esta categoria é utilizada sem maiores discussões como sendo um consenso. Gutmann problematiza este lugar-comum e mostra o quanto essa categoria traz sérias implicações, quando utilizada como categoria analítica. Sua análises são feitas a partir de sua pesquisa etnográfica em um ocupação em um bairro na Cidade do México.

Esperamos que estes artigos contribuam para os debates em torno, não só sobre masculinidade, mas também sobre relações de poder, *raça/etnia* e gênero na Antropologia.

REFERÊNCIAS

- ARILHA, Margareth *et alii*. **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Editora 34, 1998.
- CONNELL, Robert. Masculinities. The social organization of masculinity (67-80) in **Masculinities**. Berkeley, CA: University of California Press, 1995.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo**: Um Estudo de Construção Social de Trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.
- GUTMANN, Matthew. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. In **Revista La ventana**. México: U. de Guadalajara, 1998.
- _____. Los hijos de Lewis: la sensibilidad antropológica y el caso de los pobres machos. **Alteridades**, 1994 4 (7): p. 9-19.
- _____. **The meanings of macho**. Being a man in México City. Los Angeles: University of California Press, 1996.
- HALBERSTAM, Judith. **Female masculinity**. Durham, London: Duke University Press, 1998.
- LACOMBE, Andrea. **Ler [se] nas entrelinhas**. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro. UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010.

LACOMBE, Andrea. **“Pra homem já tô eu”**: Masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro.. UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2005.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Banalização da Violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **A Confraria da Esquina**: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando. Etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si**. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século. 1995.